

Saúde Coletiva

Editorial Bolina

editorial@saudecoletiva.com.br

ISSN (Versión impresa): 1806-3365

BRASIL

2007

Mara Julia Fragoso Pereira / Luzinete Pereira / Maurício Lamano Ferreira
OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA

Saúde Coletiva, abril-maio, año/vol. 4, número 014

Editorial Bolina
São Paulo, Brasil
pp. 62-66

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Universidad Autónoma del Estado de México

<http://redalyc.uaemex.mx>



Terapias naturalistas

Pereira MJF, Pereira L, Ferreira ML. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica

Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica



Fotos cedidas pela Casa de Repouso Pró-Life

O CÃO RODOLFO, DA RAÇA LABRADOR, EM UMA DE SUAS VISITAS À CASA DE REPOUSO PRÓ-LIFE

MARA JULIA FRAGOSO PEREIRA

Enfermeira
mara_julia@hotmail.com

LUZINETE PEREIRA

Enfermeira
lupera1981@hotmail.com

MAURÍCIO LAMANO FERREIRA

Mestrando em Ecologia Vegetal pelo Instituto de Botânica de
São Paulo - SMA mauecologia@yahoo.com.br

Recebido: 09/08/2006

Aprovado: 20/01/2007

A Terapia Assistida por Animais (TAA) tem sido utilizada como mais um instrumento no tratamento de algumas doenças, mostrando uma série de efeitos benéficos em pacientes psiquiátricos, adultos, crianças hospitalizadas, idosos, entre outros. Trata-se de uma revisão bibliográfica, com o objetivo de apresentar os benefícios da TAA. Embora a utilização do animal como terapia seja comentada desde o século XIX, onde o animal foi introduzido ao ambiente hospitalar, apenas em 1962 registrou-se e documentaram-se benefícios dos animais na prática da psicologia. Nesse estudo, notou-se que a TAA tem sido aplicada em pessoas que apresentam doenças cardiovasculares, em centro-cirúrgico no pré-operatório, unidade de terapia intensiva, unidades pediátricas, pacientes psiquiátricos, com demência e mal de Alzheimer, dentre outros.

Descritores: Terapia assistida por animais; Vínculo homem-animal, Petterapia.

The Animal Assisted Therapy (AAT) has been used as one more instrument in the promotion of health and in the treatment of some diseases, showing an array of beneficial effects in psychiatry patients, adults, internalized children, elders, among others. This is a bibliographic review, with the objective of introducing the benefits AAT. Although the use of animals as therapy is mentioned since the 19th century, where the animal was introduced to the hospital environment, only in 1962, started the record and document the benefits of the animals in the practice of psychology. In this study, it was noted that the AAT has been applied in people that showed cardiovascular diseases, in the operating room during the pre-surgical stage, Intensive Care Unit, pediatric centers, psychiatric patients, with dementia and Alzheimer diseases, among others.

Descriptors: Animal assisted therapy, Bonding human-pet, Pet therapy.

La Terapia Asistida por Animales (TAA) ha sido utilizada como más un instrumento en la promoción de salud y en el tratamiento de algunas enfermedades, mostrando una serie de efectos benéficos en pacientes psiquiátricos, adultos, niños hospitalizados, ancianos entre otros. Se trata de un estudio bibliográfico, exploratorio, con el objetivo de presentar los beneficios de la TAA. Aunque la utilización del animal como terapia sea comentada desde el siglo XIX, donde el animal fue introducido al ambiente hospitalario, sólo en 1962 se registró y se documentó beneficios de los animales en la práctica de la sicología. En ese estudio, se notó que la TAA ha sido aplicada en personas que presentan enfermedades cardiovasculares, en centro-quirúrgico en el pre-operatorio, unidad de terapia intensiva, unidades pediátricas, pacientes psiquiátricos, con demencia y mal de Alzheimer, entre otros.

Descritores: Terapia asistida por animales, Vínculo humano-animal, Pet terapia.

INTRODUÇÃO

Os seres humanos convivem com animais há milhares de anos e são mantidos pelo homem devido aos mais variados motivos¹. Por sua vez relacionamento terapêutico homem-animal é também antigo antecedendo a própria história. Escritos antigos e mitos de Roma falam sobre o poder da cura divina através de cães sagrados².

Animais domésticos têm um papel importante na vida do homem por milhares de anos. Foi encontrado no norte de Israel um esqueleto de um cão enterrado com um humano. Assim acreditava-se que o primeiro registro da associação entre homem e cão foi há 12.000 anos atrás³. Esse vínculo cresceu com o passar do tempo a ponto do animal tornar-se um elemento terapêutico para o homem.

Em 1792 foi criada a York Retreat, um centro de tratamento para pacientes com alterações mentais, na qual utilizavam jardinagem, exercícios, e vários animais domésticos para encorajar os pacientes a vestir-se, movimentar-se e comunicar-se⁴.

Em 1962, Boris Levinson, considerado como o precursor da Terapia Assistida por Animais (TAA) descreveu o uso destes na prática da psicologia e os efeitos benéficos obtidos no tratamento com cães⁵.

A precursora da TAA no Brasil foi Nise da Silveira, médica psiquiátrica que realizou diversos trabalhos com pacientes esquizofrênicos no início da década de 50⁶.

A TAA é pouco difundida no Brasil, porém em países como Estados Unidos, Austrália, alguns países europeus e até mesmo o Egito já é bastante conhecida e utilizada. Em São Paulo, alguns hospitais e organizações contam com a visita de animais. Além disso, algumas instituições de ensino oferecem cursos sobre a TAA. Porém não há muitas pesquisas na literatura brasileira sobre a utilização da TAA.

A TAA pode ser definida como uma terapia onde o animal faz parte do tratamento, com objetivos claros e dirigidos. Pode ser realizada em grupo ou individual. Seu objetivo é promover saúde física, social e emocional, além disso, deve ser planejada, documentada e seus resultados avaliados⁵.



“A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS É MAIS UM RECURSO NA ATENÇÃO À SAÚDE DE PACIENTES HOSPITALIZADOS. NOTA-SE UMA TENDÊNCIA NA MELHORIA DE QUALIDADE DE VIDA E RESULTADOS POSITIVOS QUANDO APLICADA ESTA TERAPIA”.

Para as visitas serem realizadas existe um protocolo a ser seguido, onde os cães devem estar com a vacinação e vermifugação em dia, não podem possuir pulgas, nem ingerir carne crua e leite não pasteurizado. Os cães devem estar saudáveis, limpos e escovados, e tomar banho no dia anterior, além de visitas periódicas ao veterinário⁷.

As pessoas que participarem da interação entre eles, sejam pacientes, acompanhantes, enfermeiros ou médicos devem lavar as mãos antes e depois do contato com o animal. É necessário evitar que o animal entre em contato com secreções como urina, saliva, vômito, e feridas dos pacientes, além disso, o animal não pode se alimentar com os utensílios do paciente.

É necessário que o cão seja supervisionado o tempo inteiro pelo seu condutor e além disso, devem-se evitar estímulos que levem o cão a morder, e em caso de mordidas, deve-se comunicar imediatamente ao enfermeiro, ou a qualquer outra pessoa responsável para avaliar a gravidade da mordida e prestar o socorro necessário. Assim, o cão deve ser avaliado por um treinador para saber se ainda pode permanecer fazendo visitas. É importante fazer o registro da visita, das atividades realizadas, e dos avanços alcançados, o que permite avaliar a eficiência do tratamento⁸.

A TAA é contra-indicada em casos em que o paciente apresente alergias, problemas de respiração, medo de animais, feridas abertas, pacientes com baixa resistência, animais com zoonoses, além de pessoas com comportamento agressivo que podem machucar os animais⁹. Acresce a isso, a necessidade de um controle rígido de infecção e zoonoses que pode ser realizado pela equipe de controle de infecção do hospital junto à equipe responsável pela terapia e um veterinário¹⁰.

Baseado na literatura, e na importância que se tem de promover o cuidado integral e humanizado ao paciente, além do déficit de conhecimento na literatura brasileira esse estudo tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica sobre os benefícios da TAA como mais um recurso na assistência ao paciente.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão constitui-se num levantamento de publicações científicas relacionadas com o tema, no período entre 1965 a 2005. As bases foram consultadas entre março a setembro de 2005, sendo elas: Scielo, Medline e PubMed. As palavras-chaves foram cruzadas de três maneiras distintas, "Animal Assisted Therapy", "Pet Therapy" e "Pet Ownership". Apesar disso, o estudo versa sobre uma revisão bibliográfica, não sistematizada.

Para análise e síntese do material observaram-se os seguintes procedimentos: leitura exploratória que é uma leitura do

material bibliográfico, no sentido de verificar em que medida a obra consultada interessava a pesquisa. Após isso houve leitura seletiva, na qual procede-se a seleção, ou seja, à determinação do material que de fato interessa à pesquisa. Daí vem a leitura analítica, que é o momento de ordenar e sumarizar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa¹¹.

RESULTADOS

Animais são utilizados como uma intervenção em muitos níveis de cuidado e de pessoas, crianças, adultos e idosos, cuidado agudo e crônico, reabilitação, comunicação, tanto na prevenção como na cura. A intervenção é baseada na ideia que o vínculo homem-animal pode ser utilizado como um todo, integrando e aproximando o cuidado e reabilitação de indivíduos e suas famílias com as enfermidades crônicas e inapetência¹².

A TAA é aplicada em diversos estudos cardiovasculares com pessoas de diferentes idades, sexo e hábitos. Entre eles, destaca-se o estudo de Wu et al¹³, que foi feito num hospital pediátrico através de um programa de visitação de animais, organizado por um grupo. A visitação durava entre 10 a 20 minutos com interação entre os animais e as pessoas. Três cachorros fizeram parte deste programa e o público-alvo foi crianças acima de seis meses de idade até adolescentes, todos com problemas cardíacos. Não foram observadas mudanças estatísticas nas frequências respiratórias e cardíacas dos pacientes após as visitas, porém foram identificadas algumas alterações nessas frequências durante a visita dos animais, o que quer dizer que a presença desses cachorros pode ter efeitos relaxantes ou estimulantes nas crianças e adolescentes. Por outro lado, houve uma grande aceitação por parte dos pais e pacientes a respeito do programa, uma vez que teve uma interação positiva entre animais e pacientes.

Um estudo realizado na Austrália em 1992, com 5.741 participantes de um programa de seleção cardiovascular, mostrou que pacientes donos de animais podem ter significativa diminuição nos índices de pressão arterial e triglicérides, dos que os não donos de animais, levando em conta fatores de risco como tabagismo, exercícios, entre outros. Porém é preciso mais estudos para validar os reais benefícios que o animal pode promover ao homem¹⁴.

Allen et al¹⁵ realizaram um estudo para avaliar se a aquisição de um animal de estimação poderia reduzir frequência cardíaca, pressão arterial em um grupo de indivíduos com hipertensão com profissões de alta tensão. Dois grupos participaram ambos com uso de Lisinopril, porém num grupo cada integrante adquiriu um animal. Fisiologicamente os animais têm



“A VISITA DE CACHORROS EM CENTROS CIRÚRGICOS TIRA UM POUCO A IMAGEM CARREGADA DE HOSPITAIS E TRÁS UM CLIMA MAIS CASEIRO PARA OS PACIENTES, O QUE OS LEVA A UMA MAIOR DISTRAÇÃO”.

maior influência nas respostas simpáticas que o Lisinopril sozinho. Houve redução de frequência cardíaca, pressão arterial, para o grupo que adquiriu o animal em situações de estresse.

Outro estudo realizado por Allen et al¹⁶ para avaliar respostas cardiovasculares na presença de amigos, cônjuges e de animais, mostrou que proprietários de animais tiveram significativa diminuição na frequência cardíaca, enquanto os que não possuíam animais não tiveram grandes alterações. Notou-se também que os proprietários de animais se recuperavam com mais rapidez em situações de estresse, dos que não os possuíam.

Embora alguns trabalhos demonstrem respostas cardiovasculares positivas, Parslow & Jorm¹⁷ desenvolveram um trabalho com 5079 pessoas que foram divididas em dois grupos; um com idade entre 40-44 anos e outro na faixa etária entre 60-64 anos. Desse total 57% possuíam animais em casa. Nesse estudo, eles não perceberam nenhuma alteração

cardiológica que fosse capaz de explicar a presença dos animais. Porém, notou-se que entre os pesquisados que possuíam animais houve uma maior pressão diastólica do que nos demais, e isso foi justificado pelos autores devido ao fato deles carregarem alguns vícios, como o consumo de cigarros e bebidas alcoólicas, além de terem um menor grau de instrução.

A visita de cachorros em centros cirúrgicos tira um pouco a imagem carregada de hospitais e trás um clima mais caseiro para os pacientes, o que os leva a uma maior distração. Isso pode ser bem aplicado principalmente em casos de pacientes que já estão em centros clínicos há bastante tempo, ou que permanecerão neles por tempo indeterminado.

A TAA pode ser implantada no cuidado pré-operatório de pacientes, através das visitas de cães treinados, o que pode reduzir o estresse anterior à cirurgia, tornar seus pensamentos otimistas, promovendo um melhor pós-operatório e reduzindo a necessidade de medicamentos para dor¹⁸.

Cole & Gawlinski¹⁹ implantaram a TAA em uma Unidade de Terapia Intensiva e realizaram um estudo durante seis meses com um total de 120 visitas de cães. Após o término do estudo os pacientes responderam a um questionário para avaliar o grau de satisfação. Segundo a escala, a maioria dos pacientes mostrou-se bastante satisfeito, feliz, calmo, menos sozinho, menos ansioso, e sugeriram que a visita deveria ser mais freqüente.

Animais podem promover um aumento do bem-estar para alguns idosos. Os efeitos da socialização podem ser importantes para idosos que perderam seus amigos e membros da família, especialmente aqueles que sentem falta de crianças ou estão isolados da sociedade, assim como a redução do estresse



“ACREDITA-SE QUE DEVIDO À FALTA DE CONHECIMENTO E DE INFORMAÇÕES SOBRE O ASSUNTO, NO BRASIL, POUCAS INSTITUIÇÕES UTILIZAM ESSE MÉTODO COMO TERAPIA, ALÉM DA RESISTÊNCIA DE COLOCAR ANIMAIS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES, PELA CRENÇA QUE OS ANIMAIS TRANSMITAM INFECÇÕES”.

e a motivação que os animais promovem²⁰.

Siegel²¹, realizou um estudo durante um ano, com 938 participantes, com 65 anos ou mais, para avaliar a freqüência que os participantes iam ao médico entre proprietários e não proprietários de animais. Os participantes proprietários de animais se reportavam menos ao médico durante o ano do que aqueles que não possuíam. Os animais pareciam ajudar seus proprietários em momentos de estresse e estimulava seus donos a fazerem exercícios. Outro estudo nesse mesmo contexto foi realizado por Garrity et al²², para avaliar os animais como fator de suporte na saúde dos idosos. Esse estudo sugere que animais estão relacionados a um estado emocional e que podem promover suporte suficiente para diminuir o sofrimento emocional de idosos, que por muitas vezes vivem sozinhos e perderam seus entes queridos.

Os animais também têm sido bem vindos em unidades psiquiátricas onde estudos realizados demonstram resultados positivos. Barak et al²³, desenvolveram um estudo com 20 idosos com esquizofrenia, onde os principais

pontos avaliados foram o contato interpessoal; comunicação; atividades do dia-dia, como higiene pessoal, auto cuidado; por uma escala chamada *Scale for Social Adaptive Functioning Evaluation (SAFE)*. Do total de idosos, dez interagiram com cachorros e dez não. A partir do sexto mês pôde-se notar alguns efeitos que foram mantidos até o fim do estudo. Entre eles destacam-se o aumento da interação social, melhor habilidade de conversação, participação dos grupos, socialização, compromissos sociais, amizades e lazer. Por outros índices da escala, como auto cuidado e controle de impulsos, não houve significantes mudanças.

Num estudo realizado por Barker & Dawson²⁴, 230 pacientes psiquiátricos com diagnósticos de depressão, transtorno afetivo bipolar, esquizofrenia, psicose e transtornos de humor foram divididos em dois grupos: um com atividades de recreação e outro com a TAA. Entre os pacientes que participaram da atividade de recreação, apenas os que possuíam transtornos de humor obtiveram grande diminuição da ansiedade, porém aqueles que apresentavam transtornos de humor, psicoses, esquizofrenia entre outros, que participaram da TAA, obtiveram uma significativa diminuição da ansiedade. Para avaliar o resultado foi utilizada a escala *State-Trait Anxiety Inventory*, antes e depois das terapias.

Richeson²⁵ relatou os efeitos da TAA na interação social em comportamentos agitados de idosos com demência. Esse estudo foi dividido em três fases: inicial (A), antes da intervenção com animal; pós-teste (B), após as três semanas de intervenção, e acompanhamento(C) após três semanas do fim da intervenção. A pesquisa foi guiada por quatro hipóteses: os efeitos da TAA podem diminuir comportamentos agitados da fase inicial

até a fase pós-teste; a agitação pode aumentar do pós-teste ao acompanhamento; a TAA pode aumentar as interações sociais e diminuir a necessidade dos pacientes por medicação. Para confirmar o diagnóstico de demência foi realizado um mini exame de estado mental, sendo que os pacientes tinham que fazer quinze pontos ou menos. Os pacientes eram avaliados através de um questionário chamado *Cohen-Mansfield Agitation Inventory (CMAI)*, um check-list que retrata comportamentos agitados em adultos com demência. Para análise estatística foi utilizada a comparação entre as fases AB e BC. Revelou-se uma significativa diminuição de comportamentos agitados e um aumento na interação social.

Segundo Laun²⁶ a TAA em pacientes com demência também pode direcionar com eficácia hábitos sociais reduzidos pela doença como o isolamento que pode ser minimizado através de estimulações dos sentidos, como olfato e tato. Seguir os movimentos do cão estimula a visão e a audição, podendo ocorrer a vocalização, pois os pacientes podem imitar os sons do animal, ou até mesmo chamar seu nome. A memória recente pode ser trabalhada ao envolver o paciente em uma seqüência de eventos, tais como chamá-lo pelo nome, solicitar um comportamento, pedir para o cão sentar e depois recompensá-lo. Ver o animal com freqüência dispara a memória anterior. Ver esses animais pode fazer com que eles se lembrem do seu animalzinho do passado. As habilidades de comunicação podem ser melhoradas através da conversa a respeito do animal, sobre ele mesmo ou até mesmo seu ani-

mal do passado. Os pacientes são freqüentemente motivados a falar com o animal, que por sua vez não está preocupado com a clareza do discurso ou pensamento.

Dois trabalhos realizados com aquário de peixes nas doenças de Alzheimer²⁷ e Esclerose Múltipla²⁸ mostram resultados positivos na redução do estresse, gerando calma e melhor alimentação.

Embora a TAA traga resultados positivos para alguns tipos de doença, no tratamento de criança com retardo mental, devido à falta de dados quantitativos para avaliar sua eficiência não é possível julgamento individual²⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terapia Assistida por Animais é mais um recurso na atenção à saúde de pacientes hospitalizados. Nota-se uma tendência na melhoria de qualidade de vida e resultados positivos quando na aplicação desta terapia. A TAA mostra-se um bom instrumento terapêutico, uma vez que vários trabalhos indicaram melhora na socialização, comunicação, redução da pressão arterial, freqüência cardíaca, redução no estresse, entre outros.

Acredita-se que devido à falta de conhecimento e de informações sobre o assunto, no Brasil, poucas instituições utilizam esse método como terapia, além da resistência de colocar animais em instituições hospitalares, pela crença que os animais transmitam infecções. Percebe-se a necessidade de pesquisas ainda mais aprofundadas sobre essa temática, uma vez que, com resultados positivos podemos propor ao paciente uma melhor assistência, além de constatar a real eficácia da terapia. ■

Referências

1. Garcia RC. Controle de populações de cães e gatos em área urbana: uma experiência inovadora na Grande São Paulo. *Saúde Coletiva*, v. 2, n.5, p. 24-28, Janeiro de 2005.
2. Levinson FM. Pet psychotherapy: use of house hold pets in the treatment of behavior disorders in childhood. *Psychological Reports*; 17(3): 695-8 Dez.1965
3. Davis M,Valla FR. Evidence for domestication of the dog 12.000 years ago in the nation of Israel. *Nature*, 1978. <http://www.ipa.mincultura.pt/cipa/zoo/pubs/Simon%20Davis/1978/1978-Nature-DogDom.pdf>. Acesso em 15, set. 2005.
4. Tuke S. Description of the Retreat. *Pub Med*, 1964. <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=1033490>. Acesso em 25 de ago. 2005.
5. Dotti J. Terapia e animais. São Paulo, Noética, 2005.
6. Silveira, N. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981.
7. Owen OG. Pet therapy: Paws for thought. *Nurs Times*, v.24, n.6, p.697-712, 2002.
8. Jofré LM. Visita terapêutica de mascotas em hospitales. *Rev Chil Infect*, Santiago; 22(3): 257-263, Set. 2005
9. Stanley MMJ. Animal assisted therapy. *Am J Nurs*. Texas, v.102, n.10, p. 69-76, 2002.
10. Connor KMJ. Animal Assisted therapy: an in-depth look. *Dimens Crit Care Nurs*; 19(3): 20-6, 2000 Mai-Jun.
11. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisas. São Paulo, Atlas, 2002.
12. All AC et al. Animals, Horseback Riding, and Implications for Rehabilitation Therapy. *Journal of Rehabilitation*, 1999. http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0825/is_3_65/ai_55816037. Acesso em 13, ago. 2005.
13. Wu AS et al. Acceptability and Impact of Pet Visitation on a Pediatric Cardiology Inpatient Unit. *Journal of Pediatric Nursing*.17(5), Out.2002
15. Anderson WP et al. Pet ownership and risk factors for cardiovascular disease. *Med J Aust*; 157(5):298-301, set.1992.
16. Allen K et al. Pet Ownership, but Not ACE Inhibitor Therapy, Blunts Home Blood Pressure Responses to Mental Stress. *American Heart Association*, 2001. <http://hyper.ahajournals.org/cgi/content/abstract/38/4/815>. Acesso em 02 de set. 2005
- 16._____. Cardiovascular Reactivity and the Presence of Pets, Friends, and Spouses: The Truth About Cats and Dogs. *Psychosomatic Medicine*; 64:727-739, 2002.
17. Parslow RA, Jorm AF. Pet ownership and risk factor for cardiovascular disease: another look. *The Medical Journal of Austrália*, Austrália. 2003. http://www.mja.com.au/public/issues/179_09_031103/par10103_fm.html. Acesso em 25 de mai. 2005.
18. Miller J, Ingram L. Perioperative nursing and animal assisted therapy. *AORN Journal*. 72(3): 477-483, 2000.
19. Colle KM, Gawlinski A. Animal Assisted Therapy in the Intensive Care Unit. A staff nurse's dream come true. *Nurs Clin North Am*, EUA; 30(3): 529-37, Set.1995
20. Hart LA. The Role of Pets in Enhancing Human Well-being: effects for older people. *Delta Society*, 1995. <http://www.deltasociety.org/download/hart.rtf>. Acesso em 05de jul. 2005.
21. Siegel JM. Stressful Life Events and use of Physician Services among the Elderly: the moderating role of pet ownership. *Journal of Personality and Social Psychology*, EUA; 58(6), 1081-1086, 1990.
22. Garrity TF et al. Pet Ownership and Attachment as Supportive Factors in the Health Of The Elderly. *Anthrozoos*, EUA; 3(1): 35-44, 1989.
23. Barak Y et al. Animal Assisted Therapy for Elderly Schizophrenic Patients: a one-year controlled trial. *Am J Geriatr Psychiatry*, Israel; 9(4): 439-42, 2001
24. Barker SB, Dawson KS. The effects of Animal Assisted therapy on Anxiety Ratings of hospitalized psychiatric patients. *Psychiatric Serv*, EUA; 49(6): 797-801, Jun. 1998
25. Richeson NE. Effects of Animal Assisted Therapy on agitated behaviors and social interactions of older adults with dementia: an evidence-based therapeutic recreation intervention. *Am J Alzheimers Dis Other Demen*, EUA;18(6):353-8, Nov-Dec. 2003
26. Laun L. Benefits of Pet Therapy in Dementia. *Home Health Nurse*, EUA; 21(1): 49-52, Jan. 2003.
27. Edwards NE, Beck AM. Animal Assisted Therapy and Nutrition in Alzheimer's disease. *West J Nurs Res*, EUA. 24(6): 697-712, out.2002
28. Jacobson G et al. Fish Aquarium Animal Assisted Therapy and Its Influence on Clients with Multiple Sclerosis. *Research Nursing Practice*, 1997. <http://www.graduateresearch.com/GJacobson.htm>. Acesso em 15 set. 2005.
29. Heimlich K. Animal-assisted therapy and the severely disabled child: a quantitative study - Graduate Literary Award Winner - Abstract. *Journal of Rehabilitation*.Out-dez, 2001. <http://www.findarticles.com/p/search?qt=animal+assisted+therapy&tb=art&mp=animal+assited+therapy&qf=1:all>. Acesso em 13 de ago. 2005.